

BETAR & ARTES & LETRAS



Lisbon & Estoril Film Festival

Está de regresso com muitos filmes e a presença de artistas conceituados no mundo da sétima arte



B
Betar

ENTREVISTA
ARQ. JOÃO GÓIS

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Novembro traz muita variedade ao nível da música. A saber: há dois festivais de música alternativa, o Misty Fest e o Vodafone Mexefest; um concerto de Rui Veloso; e espetáculos de fado na Quinta da Regaleira.

Outro evento a considerar é o já bastante aclamado Lisbon & Estoril Film Festival que está de regresso com muitos filmes e a presença de artistas conceituados no mundo da sétima arte, durante duas semanas e em várias salas.

No Teatro São Luiz estará em cena uma peça autobiográfica de Tennessee Williams e n'A Barraca a proposta para este mês é uma adaptação da obra Claraboia, de José Saramago.

Quanto a exposições, Lisboa é o tema central. A luz inconfundível da capital e as ligações da arquitetura com o território da cidade, através do trabalho do arquiteto João Luís Carrilho da Graça, estão em discussão no Torreão Poente do Terreiro do Paço e no CCB.

No Porto, "Madame Bovary", uma obra incontornável de Gustave Flaubert, foi adaptada ao teatro por Tiago Rodrigues. Uma peça que promete ser memorável. Outros eventos a não perder na invicta são o concerto de Tiago Bettencourt, no Coliseu do Porto, e a mostra sobre Agostinho Ricca, na Galeria Municipal Almeida Garrett.

O entrevistado desta edição é o arquiteto João Góis, do JAG Arquitetos. A conversa incide sobre o seu percurso profissional, o gosto pela atividade, o atelier, o estado atual da profissão e a ligação à BETAR...

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘Tento sempre refletir, nos projetos, a personalidade dos seus donos. Gerir as ansiedades e escolhas dos clientes. Não há melhor satisfação para um arquiteto que sentir que as pessoas vivem as suas casas.’

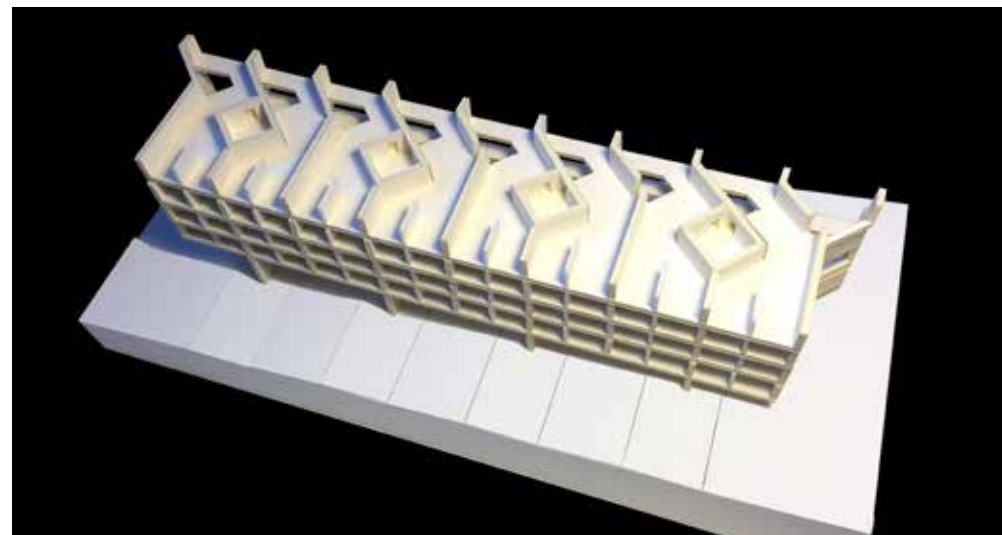
As opiniões
do **Arq. João Góis**.
Por Cátia Teixeira



??????

Como surgiu o gosto pela arquitetura? Quando decidiu criar o seu atelier?

Eu queria ser piloto de aviões mas não consegui entrar na academia. Como tinha uma relação muito próxima com projetos, por causa do meu pai, que é eng. electrotécnico, e com alguns arquitetos, como o prof Taíña, Maurício Vasconcelos, com quem o meu pai trabalhou, acabei por entrar para arquitetura, que foi uma descoberta, pois encontrei o que realmente gosto de fazer. Sempre tive vontade de criar o meu atelier. Um pouco num ato suicida, estava a trabalhar com o arq. Byrne há 5 ou 6 anos, achei que estava na altura, mas o arq. Byrne, com a sua enorme generosidade, indicou-me para trabalhar com o arq. Francisco Mangado, um grande arquiteto espanhol. Acabei por ir dois anos para Pamplona para ser coordenador de uma obra gigante em Palma de Maiorca, o Palácio de Congressos de Palma de Maiorca. Tive sempre vontade de voltar e quando decidi, tanto o arq. Byrne como o arq. Francisco Mangado, continuaram a fazer parcerias comigo, o que foi fundamental para o arranque do atelier. As escolas são momentos para aprender, mas depois há que seguir o nosso caminho.



????

Como define a sua forma de pensar e fazer arquitetura?

Tento sempre, nos projetos, estar o mais perto possível das pessoas, dos clientes. Há uma casa, que reabilitei com o eng. Miguel Villar, na Rua Joaquim António de Aguiar, onde conseguimos refletir claramente a personalidade dos seus donos. Isto só é possível se houver uma ligação estreita com o cliente. Acho fundamental integrar nas casas as várias vontades dos clientes. Acho que a arquitetura não pode impor nada, deve gerir as ansiedades e escolhas dos clientes. É importante criar coerência e um fio condutor mas não há melhor satisfação para um arquiteto que sentir que as pessoas vivem as suas casas na sua plenitude. As primeiras reuniões que tenho são sempre na casa dos clientes, porque a casa diz muito deles. Sou capaz de fazer um projeto na minha cabeça só por essa observação. Vejo onde se sentem confortáveis e percebo o que gostam pela forma como agem no seu espaço. Sou também muito crítico do meu trabalho.

O que mudou desde o início do seu percurso?

As coisas mudaram muito nos últimos 10 anos, na construção em geral, e acho que os

arquitetos cada vez estão mais afastados do que aprendemos na faculdade. Quando saí da faculdade tive o privilégio de trabalhar com o arq. Byrne, uma realidade completamente diferente da que me deparo hoje no meu atelier. Os meus clientes são diferentes, não é obra pública, e temos que nos ir adaptando às novas realidades. Tenho muitos projetos de reabilitação, o que é ótimo, são desafios fantásticos, porque temos de perceber como intervir de modo a arranjar soluções que ao mesmo tempo marquem a nossa época. É preciso sentir onde intervir, onde reabilitar, onde deixar a memória e onde marcar o nosso tempo. Eu acho que a arquitetura tem muito de acaso, há coisas que nos surpreendem por muito que dominemos o projeto. E na reabilitação acontece muito, é o poder da construção existente. Depois temos as parcerias que permitem participar em projetos de outra dimensão. Nós, mais novos, temos sempre muito que aprender com os arquitetos mais experientes. E só assim podemos estar envolvidos nesses projetos maiores. Estar em contacto com obras fora do país é também muito rico e estimulante. Para além disso, devido à crise, acabámos por criar relações

muito próximas também com empresas de engenharia. E no fundo estas ligações conduzem a outras. O que nós fazemos é conquistar a confiança das empresas, através do nosso trabalho, de modo a poder ter outro tipo de desafios.

Como vê a arquitetura contemporânea em Portugal?

O que falta à arquitetura nacional atualmente é uma influência nos pontos de decisão fundamentais, que deixou de existir. Somos muito obstinados nas nossas ideias mas temos pouca disponibilidade para isso. Sei que nos últimos mandatos da Ordem houve um esforço para melhorar esta situação mas é um trabalho a longo prazo. É fundamental sermos interventivos nas leis que gerem a nossa atividade. A arquitetura não pode ser só projeto. É fundamental ter arquitetos em todas as áreas de atuação. Temos o exemplo do vereador Manuel Salgado, mas teria de haver muito mais. Não temos uma estratégia de cidade, de país. Não é um trabalho de um dia para o outro, é um trabalho de gerações. Eu tentei, estive envolvido em dois mandatos e percebi que há muita gente com muita capacidade, e interessada, mas que é muito difícil devido à falta de participação dos arquitetos. A Ordem tem um problema de estatuto, a área de atuação é muito pequena e os assuntos à volta da arquitetura são muito vastos. Os arquitetos, no geral, individualizaram-se muito, isolaram-se do resto do mundo. Há muita competitividade e pouca interajuda. Falta consenso, compromisso e muita humildade.

O que é que o costuma condicionar mais no desempenho da sua atividade?

O que condiciona muito a arquitetura são os aspetos financeiros, nomeadamente a questão dos honorários. A arquitetura é investigação, investimento, tempo, e não

há um regulamento nesta questão. O nosso trabalho foi desvalorizado. Estamos obrigados a uma ginástica de simplificação que não traz nada de bom à arquitetura. Não trabalhamos todos com a mesma bitola o que torna muito difícil apresentar propostas capazes de ser vencedoras. Atualmente é impossível ter contratos duradouros com os nossos colaboradores, há uma renovação constante no atelier porque as leis do trabalho penalizam-nos muito. A entrada de dinheiro no atelier é de tal forma inconstante que é impossível fazer cálculos para saber como o ano vai correr. Eu tenho de por o despertador para ir para casa, o trabalho nunca acaba, e isso nem sequer é pago. Há muito tempo que não contabilizo as minhas horas nos trabalhos. Se houvesse um controlo na gestão dos honorários saberíamos melhor com o que contar.

E de onde vem a ligação à BETAR?

A ligação com a BETAR começou através do meu pai que trabalhava com o eng. José Venâncio. Antes de acabar o curso, fiz o meu primeiro concurso com o meu colega Alexandre Berardo, com o António Albuquerque e com o Pedro Batista, sob orientação do prof. Luís Pereira e o eng. Venâncio foi, na altura, o nosso engenheiro de estruturas. Ganhámos uma menção honrosa. Depois começámos a trabalhar com o eng. Miguel Villar através do arq. Gonçalo Byrne. E agora tentamos sempre que possível trabalhar com a BETAR porque nos dá uma confiança total. O Miguel é impressionante, é fácil comunicar com ele, percebe logo o que queremos, e ao nível de técnica, dificilmente se encontra melhor. Em todos os projetos que fizemos com a BETAR, houve uma melhoria significativa por causa dele. E só assim é que pode funcionar. O sucesso da arquitetura passa muito pelas engenharias. Tem de haver harmonia com as especialidades.

Em Luanda, uma cidade que não pára de se desenvolver, está a ser erguido mais um conjunto de edifícios de uso público com a assinatura da BETAR. Fique a conhecer os detalhes do projeto



Está em curso a obra que vai erguer um importante conjunto de edifícios na Vila Chicala, na cidade de Luanda, em Angola. Os Edifícios Comunitários da Vila da Chicala compõem uma praça cujo projeto está organizado de modo a permitir a construção separada e faseada dos três corpos estruturais, que correspondem ao Pavilhão Multiusos (B), ao Centro de Saúde e Posto Policial (C) e Mercado (D). O edifício A corresponde à Escola.

Ambos os edifícios apresentam uma forma de implantação aproximadamente retangular. Os corpos apresentam, regra geral, um piso térreo e uma cobertura. As coberturas apresentam, como revestimento exterior, uma chapa galvanizada nervurada com 0.63 mm da Hacierco da Arcelor Mittal. Em geral, são adoptadas estruturas principais de betão armado, para fundações e pilares, e estruturas metálicas na cobertura, constituindo pórticos orientados em duas direções ortogonais.

Edifícios Comunitários da Vila da Chicala, Angola

Projeto: **2013**

Obra: **em construção**

Dono de Obra: **Marina Luanda, S.A.**

Arquitetura: **Costa Lopes Arquitectos e José Forjaz Arquitectos**

Especialidades: **Águas e Esgotos; Fundações e Estruturas**

CINEMA

O já aclamado Lisbon & Estoril Film Festival está de regresso e promete muitos filmes e a presença de artistas conceituados no mundo da sétima arte, durante duas semanas e em várias salas



Lisbon & Estoril Film Festival

De 6 a 15 de Novembro

Centro Cultural de Cascais, Casa das Histórias Paula Rego, Casino Estoril, Teatro Nacional D. Maria II, Cinema Medeia Monumental, Espaço Nimas, CCB, Cinemateca e Museu da Água

Cinema, música, fotografia e literatura são algumas das áreas artísticas abrangidas pelo Lisbon & Estoril Film Festival. E Wim Wenders, Jonathan Demme, Laurie Anderson, Luís Miguel Cintra, José Gil, Don DeLillo, John Berger, Barbet Schoroeder, Hanz-Jürgen Syberberg são os nomes homenageados nas retrospectivas.

A 9ª edição do festival, que é um dos mais importantes eventos de cinema em Portugal, promete trazer a Lisboa e ao Estoril inúmeros filmes e artistas de renome internacional. Serão duas semanas intensas, com uma aposta em projetos que privilegiam os atores e os tex-

tos, percorrendo uma zona fronteira entre o teatro e o cinema.

A abertura acontecerá com o filme “Anomalisa”, uma animação premiada de Charlie Kaufman e Duke Johnson. A secção competitiva conta com 12 filmes, dos melhores de 2015, com destaque para “11 Minutes” do polaco Jerzy Skolimowski, “Lu Bien Ye Can” do chinês Gan Bi, “The Childhood of a Leader” do americano Brady Corbet e “Montanha”, do português João Salaviza. A secção Fora de Competição reúne um olhar abrangente sobre a produção cinematográfica mundial, oferecendo ao público a possibilidade de conhecer em antestreia nacional os filmes mais esperados da próxima temporada.

TEATRO

Uma peça autobiográfica de Tennessee Williams e uma adaptação de uma obra de José Saramago são as sugestões a Artes&Letras ao nível do teatro para o mês de Novembro



Jardim Zoológico de Cristal

Fazendo-nos recuar aos anos trinta do século passado, durante os quais a América vivia as consequências da “grande depressão”, e a classe média se defrontava com uma economia em dissolução, Tom Wingfield, poeta, narrador e personagem de “O Jardim Zoológico de Cristal”, revive os tempos da sua juventude, em que se refugiava na bebida, no cinema e na literatura para conseguir aguentar o trabalho num armazém de sapatos, assegurando, assim, o sustento da mãe, Amanda, abandonada pelo pai, e da irmã Laura, deficiente. Desesperada quanto ao futuro da filha, Amanda pensa que a única solução é casá-la e convence Tom a encontrar-lhe um noivo entre os seus colegas de trabalho: Jim O’Connor, um jovem empreendedor, é convidado para um jantar que ditará o desfecho da peça que é considerada a mais autobiográfica de Tennessee Williams.

São Luiz Teatro Municipal

De 11 a 22 de Novembro

Encenação: Sandra Faleiro

Interpretação: Cucha Carvalho, Inês Pereira,

João Vicente e Pedro Lacerda

Claraboia

A Barraca tem no seu historial inúmeras obras de ficção transformadas em escrita dramática, a partir das quais se produziram inesquecíveis espetáculos. É aliás esta uma das suas principais vocações. Neste sentido, “Claraboia”, de José Saramago, constitui para A Barraca um desafio enorme. São dezassete personagens distribuídas em seis apartamentos num bairro de gente “remediada” na Lisboa dos anos 50. As suas necessidades, aspirações, quezílias, transgressões, mentiras são a principal matéria para um grande espetáculo de teatro. Tudo encerrado num espaço onde a ausência de amor é a parede mestra de cada casa e onde o fascismo à portuguesa é vivido até ao mínimo pormenor com a polícia à espreita dentro de cada um. A Barraca assegura que esta peça honrará as instituições culturais envolvidas e não menos o seu autor.

A Barraca

Estreia em Novembro



LIVROS

José Rodrigues dos Santos está de regresso com mais uma obra que auspícia sucesso. Murakami também lançou um novo livro mas falamos aqui ainda do anterior



Haruki Murakami

A Peregrinação do Rapaz Sem Cor

Desde adolescente, Tsukuru Tazaki gosta de ir sentar-se nas estações a ver passar os comboios. Aos 36 anos, leva uma existência pacífica, demasiado solitária, para não dizer insípida, a condizer com a ausência de cor que caracteriza o seu nome. A entrada em cena de Sara vem mudar muita coisa na sua vida. Traz a lume uma história trágica: os quatro amigos de liceu, donos de personalidades diferentes e nomes coloridos, cortaram relações com ele sem lhe dar qualquer explicação. A páginas tantas, regressa à cidade que o viu nascer em busca de respostas. Um romance marcadamente intimista sobre a amizade, o amor e a solidão dos que ainda não encontraram o seu lugar no mundo.

José Rodrigues dos Santos

As Flores de Lótus

No século XX germinam as sementes do autoritarismo. Da Europa à Ásia, a humanidade é abalada. Depois de assistir à queda da monarquia, o capitão Artur Teixeira vê as esperanças da República afundarem-se num caos de instabilidade. Adere à revolução militar e recebe uma missão: convencer Salazar a tornar-se ditador. Satake Fukui cresce num Japão que parece mergulhar numa catástrofe sem precedentes. A chinesa Lian-hua vê a China arrastada para um choque titânico entre os nacionalistas, os comunistas e os japoneses. Os bolcheviques acabam de conquistar a Sibéria e batem à porta da pequena quinta dos Skuratov. Estaline iniciou as coletivizações e a família é lançada num ciclo de medo, fome e sofrimento. Quatro famílias. Quatro destinos.

LÁFORA

Este mês, em Londres, pode ver mostras do convencional Goya à explosiva e irreverente arte pop. Já no Museu Rainha Sofia, o destaque vai para o artista polaco Andrzej Wróblewski



Museu Rainha Sofia, Madrid

Andrzej Wróblewski

De 17 de Novembro a 28 de Fevereiro

Andrzej Wróblewski é, apesar da sua curta vida, um dos artistas polacos mais importantes do século XX. Esta exposição, a primeira retrospectiva fora do seu país, centra-se em pinturas de dupla face (pintadas em frente e verso), e em dois períodos diferentes do seu trabalho: quando começou, no final dos anos quarenta, onde procurava uma linguagem, e no fim da carreira, quando desencantado com a política do socialismo tenta redefinir a sua obra. Wróblewski trabalhava entre a abstracção e a figuração, sobretudo sobre os temas da guerra e da política ditatorial.

National Gallery, Londres

Goya, retratos

Até 10 de Janeiro

Impressionantes e muitas vezes implacáveis, os retratos de Goya demonstram a sua abordagem não convencional e a notável habilidade em capturar a psicologia de quem pintava. Ambicioso e orgulhoso, rapidamente adquiriu clientes importantes da sociedade espanhola como a família real, aristocratas, intelectuais, políticos e figuras militares. Esta mostra apresenta 70 das mais notáveis obras do artista, desde as suas primeiras pinturas até obras mais íntimas.



Tate Modern, Londres

O mundo Pop

Até 24 de Janeiro

A Tate está decidida a contar a história mundial da arte pop, abrindo novos caminhos e revelando um lado diferente deste fenómeno artístico e cultural. Esta exposição mostra como diferentes culturas e países responderam ao movimento, entre 1960 e 1970, da América Latina à Ásia e da Europa ao Médio Oriente. A política, o corpo, o consumo... tudo vai ser explorado na mostra que revela como a arte pop foi, muitas vezes, uma linguagem internacional de protesto.

Novembro traz muita variedade. Da música mais alternativa, à mais tradicional canção portuguesa, o fado, sem esquecer Rui Veloso, pode encontrar de tudo em Lisboa. É só escolher



Rui Veloso, 35 anos de carreira

Dia 6 de Novembro no Meo Arena

CONCERTO

Rui Veloso não carece de apresentações. Os 35 anos de carreira falam por si. Desta vez, vai subir ao palco do Meo Arena para um concerto único, onde irá revisitar os êxitos que cruzaram gerações. Uma noite especial que celebra o músico que fez nascer o rock nacional, bem como os 25 anos do disco “Mingos e os Samurais”, o álbum de artistas portugueses mais galardoado de sempre.



Misty Fest

De 1 a 14 de Novembro no CCB, Tivoli e Cinema São Jorge

FESTIVAL

O Misty Fest continua a ser um festival que prima pela diferença. Com um historial de concertos recheado de nomes de referência, oferece sempre uma programação original. Na 6ª edição, que abraça várias cidades, Lisboa recebe Iron & Wine, no Tivoli, dia 1. No CCB tocam Dom la Nena dia 4; Mayra Andrade dia 5; Dead Combo e Maria Mendes dia 6; Lenine dia 7 e Cinematic Orchestra dia 8. Mísia atua no Cinema São Jorge dia 14.



Vodafone Mexefest

Dias 27 e 28 de Novembro na Avenida da Liberdade

FESTIVAL

O Vodafone Mexefest regressa com projetos do mundo alternativo para apresentar o melhor da música independente, com nomes como: Akua Naru; Ariel Pink; Benjamin Clementine; Bombino; Bully; Cachupa Psicadélica; Da Chick; Do Amor; Ducktails; Glockenwise; LA Priest; Márcia; Nicolas Godin; Patrick Watson; Peaches; Petite Noir; Roots Manuva; Selma Uamusse; Seven Davis Jr; The Parrots; Titus Andronicus; Villagers.



Fado na Regaleira

Até 28 de Novembro na Quinta da Regaleira

FESTIVAL

Nos próximos sábados, com a palavra dos poetas Ary dos Santos, David Mourão Ferreira e Camões, e da música dos compositores Oulman, Frederico de Freitas, Fernando Varela, entre outros, tem lugar na Quinta da Regaleira o primeiro ciclo de Fado. Prometem-se momentos inesquecíveis, ao som do canto poético da alma lusa, sempre tão bem acompanhado pela guitarra portuguesa.



Concertos e óperas em novembro

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

1/11 às 19 horas (Grande Auditório)

O grande pianista brasileiro Nelson Freire interpreta Bach, Beethoven, Prokofiev e Chopin.

5/11 às 21 horas e 6/11 às 19 horas (Grande Audit.)

Coro e Orquestra Gulbenkian; Dir. Michel Corboz; Obras de Johann Sebastian Bach; Missa em fá maior BWV 233 e Ich habe genug BWV 82 e ainda a Cantata “La Danse des Morts” (1940) de Arthur Honegger, importante compositor suíço (1892-1955) e obra raramente ouvida em Portugal.

10/11 às 21 horas (Grande Auditório)

“Be with me now”, espetáculo multimedia da rede europeia das academias de ópera (ENOA), construído a partir da “Flauta Mágica” de Mozart mas com contribuições de muitos outros compositores (como o português Vasco Mendonça).

19/11 às 21 horas (Grande Auditório)

“Trauernacht”, pelo Ensemble vocal Pygmalion, concerto organizado e encenado em torno da ideia da morte, a partir de cantatas de Bach.

20/11 às 21 horas (Grande Auditório)

Coro e Orquestra Gulbenkian dirigidos por Paulo Lourenço, solistas instrumentais e solista vocal Selma Uamusse, interpretam temas de Rodrigo Leão.

Transmissão da temporada de Ópera do MET de New-York

21/11 às 17.30 horas (Grande Auditório)

“Lulu”, ópera do austriaco Alban Berg (1885-1935) deixada incompleta a sua orquestração. Só foi finalizada e estreada bastante tempo após a morte do autor (praticamente a partir dos anos 60). É baseada numa peça do dramaturgo Frank Wedekind. “Lulu”, e a sua

outra ópera, “Wozzeck”, contam-se entre as grandes criações que o género ópera teve no Sec. XX.

24/11 às 19 horas (Grande Auditório) e 27/11 às 19 horas (Grande Auditório)

Dois concertos por dois grandes pianistas: Jean Yves Thibaudet (24) e Christian Zacharias (27). Os programas não trazem novidade o que não impede que as obras escolhidas não tenham muito boas interpretações dada a qualidade dos músicos.

27/11 às 21 horas (Grande Auditório)

Concerto visual sinfónico do cantor Rufus Wainwright com a colaboração da Orquestra Gulbenkian, dirigida por Joana Carneiro, com outros solistas e a projeção de um filme de Francesco Vezzoli. O espetáculo é denominado “Prima Dona” (inspirada em Maria Callas).

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

10/11 às 21 horas

Orquestra Sinfónica Portuguesa; Dir. Joana Carneiro; Simon Terpceski (pn.). Programa: “Abertura Leonora nº 3” de Beethoven, a “Sinfonietta” do checoslovaco Janacek (1854-1928), celebrado compositor de óperas, e o celeberrimo “Concerto nº 1 para piano e orquestra” de Chopin.

AULA MAGNA DA REITORIA DE LISBOA

14/11 às 21,00 horas

Orquestra Sinfónica Metropolitana com a soprano Patrycja Gabrel e o Maestro Jean-Marc Burfin interpretam duas obras muito importantes de Gustav Mahler “As quatro canções sobre poemas de Ruckert” e a “Sinfonia nº 4” que termina, no último andamento, também com uma canção sinfónica.

ARTES

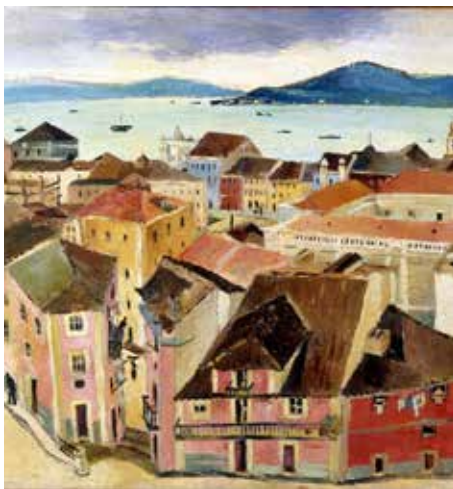
Lisboa é o tema central das duas exposições propostas este mês. A luz inconfundível da capital e as ligações da arquitetura com o território da cidade

Torreão Poente do Terreiro do Paço

A Luz de Lisboa

Até 20 de Dezembro

Esta mostra tem como objetivo apresentar, pela primeira vez em conjunto, obras sobre o fenómeno mundialmente reconhecido da luz natural de Lisboa, considerada única e especial. A luminosidade característica da capital encanta, todos os dias, portugueses e estrangeiros. A exposição pretende questionar, a nível científico, a especificidade da luz da cidade e ajudar a compreender as suas singularidades. Comissariada pela Prof^a Doutora Ana Eiró, professora de física e por Acácio de Almeida, diretor de fotografia no cinema português e estrangeiro, “A Luz de Lisboa” conta com o apoio da Fundação EDP, do Museu Nacional de Arte Contemporânea, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, da Videoteca de Lisboa, entre outras instituições.



CCB – Garagem Sul

Carrilho da Graça: Lisboa

Até 14 de Fevereiro

Apesar de um certo carácter antológico, o objeto principal desta exposição é a cidade de Lisboa. Lisboa construída sobre o território ao longo da História, sobre uma topografia quase barroca, banhada pela luz do sol refletida na superfície do Tejo. A cidade, construção artificial do homem, até à contemporaneidade.

Para o arquiteto João Luís Carrilho da Graça, os seus projetos tendem “a criar relações significativas com o território. Território com o sentido de suporte, de invariância que acolhe a nossa presença e que já está por ela marcada. Vivemos sobre a terra e construímos com tudo o que está disponível. Podemos construir o que quisermos, mas não podemos deixar de construir com sentido”. Esta mostra é sobre tudo isso.

PORTO

“Madame Bovary” é uma obra incontornável e Tiago Rodrigues promete uma adaptação memorável. O concerto de Tiago Bettencourt e a mostra sobre Agostinho Ricca são de considerar

teatro



Bovary

De 26 de Novembro a 13 de Dezembro, no Teatro Nacional de São João

Bovary é sinónimo de cheiro a perfume e a escândalo. É o retrato de uma mulher que embarca em relações adúlteras e vive muito acima das suas possibilidades. “Madame Bovary” é hoje um dos marcos da literatura mundial. Mas o romance de Gustave Flaubert foi acolhido, na altura, pela sociedade francesa, como atentado à boa moral cristã. O autor sentava-se no banco dos réus, acusado de obscenidade. É deste episódio que parte esta peça, que ousa uma adaptação da obra sob a forma de inquérito judicial.

música



Tiago Bettencourt

Dia 7 de Novembro, no Coliseu do Porto

Tiago Bettencourt é dono de uma sonoridade muito própria. É difícil não identificar de imediato as suas letras e timbre peculiares. É talvez isso que lhe tem permitido crescer, a olhos vistos, na música nacional e é certamente isso que o faz chegar ao Coliseu do Porto para um espetáculo a não perder.

artes



Agostinho Ricca

Até 17 de Dezembro, na Galeria Municipal Almeida Garrett

Agostinho Ricca, pela sua originalidade e frontalidade, era um homem livre. A sua arquitetura, fora dos cânones habituais, era a de um permanente e inquieto criador de formas. Incansável no seu propósito, deixa-nos uma obra vasta que marcará para sempre a história da arquitetura portuguesa. Esta é uma exposição monográfica da obra de Agostinho Ricca com a curadoria do Professor Doutor Jacinto Rodrigues.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA



ALGUNS TRABALHOS
COM O ARQ. JOÃO GÓIS
??????